

O QUE É SER GEÓGRAFO

AB'SABER, Aziz Nacib. O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2007. 207 p.

Rodrigo Barchi*

Se encontrarmos um dia uma severa crítica à situação política e social brasileira contemporânea, assinada por um tal de Antonio Natércio de Almeida, com certeza, é porque foi escrita pelo geólogo e geomorfólogo Aziz Nacib Ab'Saber, em um momento de revolta e tristeza. Esse pseudônimo – cujas iniciais tem as mesmas letras do nome verdadeiro – foi usado para um relatório geológico escrito por ele para evidenciar a descoberta de petróleo no Rio Grande do Norte, mas não podia assinar seu próprio nome devido ao fato de não ser formado como geólogo e sim, como geógrafo.

E é como geógrafo que Aziz dá o seu depoimento à jornalista Cynara Menezes nesse fabuloso livro da coleção “O que é ser?”, da Editora Record, lançado em 2007. Em pouco mais de 160 páginas, ele nos trás inúmeras recordações de sua vida, não só profissional (como sugere o subtítulo do livro), mas sua infância, sua formação, seus trabalhos, viagens, pesquisas, teorias e posição política em relação à educação e à ética.

O livro é dividido em três partes, sendo que a primeira é onde Aziz conta sobre sua formação e seu trabalho como professor e pesquisador dentro da Geografia. A segunda, é onde desabafa sobre as questões éticas que o afligiram e ainda afligem durante sua vida. A terceira e última parte é constituída por uma relação de publicações do autor, assim como de uma lista de instituições de ensino superior ao redor do Brasil.

Em cada um dos 39 trechos em que foi dividido o seu depoimento, ele não deixa de falar das viagens que fez. As quais começaram cedo, já que, de São Luiz do Paraitinga (sua cidade natal), até Ubatuba, em lombo de cavalo, viajou com sua família ainda criança. Depois, sua ida para Caçapava, aos seis anos (e a tristeza que isso lhe representou, por ter abandonado a bucólica cidade histórica do Vale do Paraíba, pela qual tem um enorme apreço). E enquanto adolescente, para a capital paulista, para estudar.

Aziz conta que, no início de carreira como professor secundário e universitário, foram quase diárias as suas viagens a Campinas e Sorocaba – onde trabalhou por alguns

* Mestre em Educação pela UNISO. Especialista em Educação Ambiental (USP - São Carlos).
E-mail: rbarchicore@uol.com.br

anos e recebeu, em outubro de 2000, o título de Doutor Honoris Causa, por ocasião da abertura do 3º encontro de Pesquisadores e Iniciação Científica da Universidade de Sorocaba – além de seu trânsito por vários bairros de São Paulo, pois tinha que dar aulas em lugares dispersos.

E, em anos posteriores, quando já havia consolidado seu nome como pesquisador, suas viagens pelo Brasil tornaram-se mais frequentes: seja para trabalhar no Rio Grande do Sul, para pesquisar o semi-árido nordestino, a Amazônia ou o Pantanal, entre outros locais. Somente quando beirou os 50 anos, é que conseguiu começar suas viagens ao exterior: França, Egito, Itália, Portugal, México, Peru, Colômbia, Suíça, Cuba, Síria, Líbano, entre outros países. Credita essa demora à falta de recursos e financiamentos de órgãos de pesquisa que não lhe davam aval.

Escolheu a Geografia pelo fato de, na época de estudante, não poder ter todos os livros necessários para se tornar um bom historiador, além de ter aproveitado o seu tempo na universidade observando as próprias paisagens e modificações da cidade de São Paulo.

E foi após ter terminado a especialização que Aziz conseguiu trabalhar na Universidade que o havia formado: a USP. Mas entrou trabalhando como jardineiro. Na realidade, nunca cuidou de jardim algum, mas foi trabalhar como assistente de um dos professores do Departamento de Geografia e Paleontologia. Meses depois, devido à indignação de alguns professores, acabou conseguindo um cargo como técnico de laboratório, até conseguir sua livre docência, em 1965, nove anos após ter se tornado doutor. Mas, antes do seu ingresso definitivo, ele lembra que repetiu o percurso de milhares de professores que somente conseguem se sustentar com aulas dispersas em diferentes escolas e instituições de ensino superior, ganhando pouco e viajando incessantemente.

Devido às lembranças das dificuldades em sua carreira profissional, alerta os profissionais da área da Geografia para não sonharem ficar ricos, pois sucesso financeiro somente se conseguirem bons empregos em órgãos governamentais. O que também é um risco, pois se de um lado esses geógrafos estatais conseguiram êxito, do outro geralmente são criticados pela falta de ética, devido à conivência com trabalhos de impacto ambiental que não observam as mais diversas facetas das conseqüências de um empreendimento, mas que seguem seqüência devido às pressões “de cima”.

Entre os lugares onde ele trabalhou, estão: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; PUC de Campinas; Faculdade Cásper Líbero; Faculdade de Sorocaba; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; UNESP de São José do Rio Preto e de Rio Claro; no Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico

(CONDEPHAAT), da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo (onde colaborou com o tombamento da Juréia, e das Serras do Japi e do Mar, entre outros); para a Companhia Vale do Rio Doce, em Carajás (sendo uma das vozes contrárias à sua privatização); e para o antigo Projeto Floram, entre outros.

Devido a esse vasto percurso, teve contato direto com os mais diversos pensadores brasileiros e estrangeiros, das mais diversas áreas do conhecimento. Entre eles, os geógrafos franceses Max Sorre, Francis Ruellan, Pierre Monberg, Pierre Deffontaines, Jean Dresch e Jean Tricart (sendo que foram deste último os trabalhos que mais serviram de base teórica para Aziz); o sociólogo Florestan Fernandes, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, e os geógrafos brasileiros Orlando Valverde, Milton Santos, Manuel Correia de Andrade e Aroldo de Azevedo.

Esses mais diversos contatos fizeram com que Aziz retomasse a idéia da transversalidade em diversos momentos do seu depoimento, dando destaque à sua formação interdisciplinar, já que na USP havia estudado História, Sociologia, Antropologia. Além da própria gama de conhecimentos diferentes que envolvem a Geografia como Geologia, Geomorfologia, Geofísica, Climatologia, Meteorologia, Biologia, Ecologia, Economia, Demografia, Geopolítica, além dos próprios tópicos específicos de Geografia Urbana, Agrária e Industrial.

Seja explicando sobre a formação dos manguezais, enfatizando como ocorre a argilização das rochas cristalinas devido à tropicalidade, e a necessidade das águas salinas para a formação das planícies fluvio-marinhas; seja para se conhecer as culturas locais através das conversas cotidianas em bares, “aquilatando” as fácies de historiador e jornalista (que aprendeu com Sérgio Buarque de Holanda, em Sorocaba); seja tombando serras, escarpas, florestas, rios e teatros; ou utilizando todos os documentos possíveis – cartas, plantas, mapas, imagens de radar e de satélite – para uma pesquisa em Geografia, recusando a simples linearidade de uma área, Aziz sempre retoma a importância do entroncamento entre as mais diversas áreas.

Um aspecto importante destacado por ele no contato entre os conhecimentos, é a contribuição da literatura aos estudos regionais do Brasil. Dos romances de Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Júlio Ribeiro, Dalcídio Jurandir, José Lins do Rego, Jorge Amado, até as obras de enfoque cultural de Gylberto Freyre, Josué de Castro, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda, todas contribuíram enormemente para o entendimento do país.

E a contribuição de Aziz Ab’Saber?

Além das inúmeras pesquisas geomorfológicas, e da conceituação de domínios morfoclimáticos, o próprio reconhece que a sua mais importante teoria é aquela em que fala dos redutos. Como diz Cynara Menezes na apresentação do livro, ele trabalha

como se fosse um detetive da história do território brasileiro, descobrindo, em algumas zonas, faixas de uma outra vegetação – os chamados resquícios de paleoclimas – indicando antigas áreas de securas onde hoje existem exuberantes florestas.

Essa noção dos redutos Aziz só pôde elaborar graças a uma outra contribuição sua à ciência, que é a idéia de “stone lines” (“linhas de pedra”), que são faixas de rocha fragmentada e cascalho entre duas faixas de solo, que nos remetem a pensar em chãos pedregosos de áreas secas em outros períodos geológicos.

Alerta para o fato de não podermos confundir a Teoria dos Redutos, com Teoria dos Refúgios (creditada ao biólogo Paulo Emílio Vanzolini), já que somente animais podem se refugiar. Conforme o clima mudasse para mais seco, os animais refugiavam-se nos redutos de floresta que sobrassem. Períodos de seca que eram causados pela diminuição do nível dos mares, em períodos glaciais, que diminuía consideravelmente o índice de precipitação pluvial no interior dos continentes.

Mas, além de ser reconhecidamente um dos maiores cientistas e intelectuais brasileiros, é também um militante social e ecológico. Entre os episódios de sua ação política, estão: o tombamento das serras do Japi e do Mar; sua luta pela não implementação de usinas nucleares e megapólos turísticos na região da Juréia; suas críticas ácidas e constantes à transposição do Rio São Francisco; a banalização e equívocos cometidos pelos entusiastas do aquecimento global; a denúncia da destruição das paisagens brasileiras; e sua luta pela implantação das chamadas “bibliotecas sociais” por todo o país.

Militância que transparece como um exercício de ética, a qual, segundo ele, deve ser intrínseca à vida do geógrafo. O seu caráter ético deve estar no fato de que o profissional da área deve estar sempre atento aos acontecimentos globais e locais, ou seja, a história em processo. Deve ter em mãos todos os livros, documentos e fatos da história cotidiana para estar bem informado, para poder ter a competência técnica necessária ao envolvimento político dos geógrafos. O qual deve ser no sentido humanístico e ético, em defesa dos carentes, dos milhões que estão abaixo da linha da pobreza. Com os quais Aziz muito se identifica, devido à sua humilde origem.

Aziz ainda critica a falta de honestidade nas pesquisas e trabalhos acadêmicos, principalmente no que se refere aos créditos das fontes de uma investigação científica. Além da fogueira das vaidades acadêmica que é capaz de deletar bons pesquisadores em favor de interesses outros não ao desenvolvimento técnico-científico.

A principal ocupação dos geógrafos é a educação. O que implica, para ele, em uma existência simples, já que ele mesmo trabalhou durante muito tempo nessa área – “Trabalhei tanto que quase morri!” – e é uma das fundamentais fontes para a Geografia

escolar. Mas que não isenta de responsabilidade ética e humana – que devem presidir o pensamento das pessoas mais esclarecidas – os profissionais da área.

Responsabilidade que o deixa desesperado, mas ao mesmo tempo aliviado, pois, se sempre foi ouvido – muitas vezes atendido e outras vezes não – se orgulha, pelo menos, de ter seus pareceres independentes de organizações e fomentadores de pesquisa.

Responsabilidade ligada a uma consciência técnica, científica, jurídica, cultural, ambiental, ética e humanitária, que Aziz pede à sociedade, e que diz sentido a alguém ser geógrafo.